

CAMINHANDO DIARIAMENTE COM DEUS



Série Herança Escocesa

Samuel Rutherford

Caminhando Diariamente com Deus

SAMUEL RUTHERFORD

Originalmente publicado como *Diretório de Samuel Rutherford': Uma Reflexão Sobre a Vida Desperdiçada de um Homem, Apoiada por Desafios*. A presente edição é editada e anotada por M. Vogan e R.J. Dickie.

Layout, texto repontuado e material adicional são protegidos por direitos autorais. © Reformation Press, 11 Churchill Drive, Stornoway Ilha de Lewis, Escócia HS1 2NP

www.reformationpress.co.uk Livro de bolso impresso por www.lulu.com
Dados de Catalogação-na-Publicação da Biblioteca Britânica Um registro de catálogo para este livro está disponível na Biblioteca Britânica

Números ISBN Livro de bolso: 978-1-912042-22-7

E-book: 978-1-912042-23-4

1ª edição em português, 2024.

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Corrida Fiel, salvo indicação contrária

Tradução: Joelson Galvão Pinheiro

Revisão: Valderice Sansão Ribeiro, Joelson Galvão Pinheiro

Publicações O Pacto

Araçoiaba da Serra – SP

Contato: rsopacto@gmail.com

Siga-nos no Instagram: [@publicacoesopacto1638](https://www.instagram.com/publicacoesopacto1638)

www.rtf-usa.com rtfdirector@gmail.com



Este trabalho foi realizado em parceria com a RTF-USA (Reformation Translation Fellowship) que trabalha para fortalecer igrejas internacionais traduzindo e distribuindo literatura cristã consistente com uma perspectiva teológica distintamente reformada. Esse trabalho começou na China com missionários reformados e expandiu-se para oito idiomas nos últimos anos.

Agradecemos a *Reformation Press* que gentilmente permitiu a tradução e divulgação deste material. Para mais obras publicadas por eles (em inglês), acesse: www.reformationpress.co.uk

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão prévia por escrito da Reformation Press, ou conforme expressamente permitido por lei, por licença ou mediante termos acordados com a organização apropriada de direitos de reprodução.

Conteúdo

Introdução	v
Prefácio	vii
1 Convicções da consciência	1
2 Um guia para a vida cristã	7
3 Ajuda prática para o progresso diário na graça	13
4 Direções para a conduta cristã	17

Introdução

Esta breve obra prática de Samuel Rutherford não é muito conhecida. É interessante porque reflete o benefício e a influência da teologia prática puritana. Esse movimento para cultivar piedade e devoção teve início por volta de 1580 e estava especialmente associado a Richard Greenham e William Perkins. Havia um foco não apenas na experiência espiritual, mas também na conduta correta. Buscava-se também a aplicação cuidadosa do ensino bíblico a uma série de questões práticas que incluíam trabalho, assuntos familiares, vestimenta e recreação.

Isso também envolvia o uso do tempo para promover piedade e retidão, sendo o Sabbath [dia do Senhor] um elemento-chave. Assim como os puritanos ingleses, Rutherford destaca neste tratado sobre como passar o dia com Deus, reservando tempo para a Palavra e oração, meditando frequentemente na Palavra, mantendo pensamentos espirituais durante o dia e resistindo a pensamentos ociosos. No final do dia, ele aconselha a examinar como vivemos, agimos e qual crescimento na graça ocorreu. Como parte desses relatos diários perante Deus, ele até exorta a examinar cada pensamento, se possível.

O tratado está dividido em três partes: (1) desafios, ou seja, questionamentos espirituais da alma e consciência para produzir convicção do pecado; (2) auxílios para uma caminhada mais precisa com Deus; (3) algumas maneiras de se beneficiar espiritualmente. Há alguma repetição e há sobreposição nestas seções, mas elas foram reimpressas como estão. A Carta 159 de Rutherford, escrita em 1637 em localidade no exílio em Aberdeen, parece abreviar este tratado ou apresentá-lo de forma parcial.¹ Ela foi incluída no final deste livro para comparação. Subtítulos resumidos também foram introduzidos nesta edição para auxiliar o leitor.

O tratado foi transcrito pela primeira vez a partir do manuscrito há cerca de um século pelo Rev. John Sturrock, de Edimburgo, e publicado com um prefácio explicativo e comentário na *Original Secession Magazine*, Volume 23 (1925), páginas 5–9 e 38–45. Este artigo foi posteriormente reimpresso na *Free Presbyterian Magazine* (julho de 1938).² O manuscrito também foi visto por William M. Campbell por volta de 1937 como parte de sua pesquisa

¹É possível, mas menos provável, que a carta tenha sido editada por um copista posterior, já que a carta indica que o tratado ainda não estava completo.

²Esta versão atualizou a antiga ortografia.

doutorado.³ Uma busca pela localização atual deste manuscrito foi infrutífera, pois não está claro se ele foi incorporado aos arquivos públicos.⁴ O conselho espiritual de Rutherford possui considerável valor, e valeria a pena reservar um tempo para meditar sobre cada um deles. Apesar de uma disponibilidade maior do que nunca de literatura espiritual, teme-se que não tenhamos a mesma prevalência da piedade à qual este pequeno livro nos direciona. Que possamos atentar para seus conselhos.

Matthew Vogan
Inverness
Fevereiro de 2023

³William M. Campbell, “Samuel Rutherford, propagandist and exponent of Scottish Presbyterianism: an exposition of his position and influence in the doctrine and politics of the Scottish Church” (University of Edinburgh, 1937), [Samuel Rutherford, “propagandista e expoente do presbiterianismo escocês: uma exposição de sua posição e influência na doutrina e política da Igreja Escocesa”]. Campbell diz que a caligrafia é incerta, mas é improvável que seja da própria autoria de Rutherford, já que existem outros exemplos conhecidos da caligrafia de Rutherford com os quais compará-la. O fato de que a ortografia é parcialmente moderna pode sugerir que o manuscrito é uma cópia do final do século dezessete.

⁴ Sturrock diz: “Chegou até mim para leitura algum tempo atrás, por meio de um amigo literário no oeste, que é grande admirador de Samuel Rutherford e estudioso de seus escritos.” Uma possibilidade é James Dean Ogilvie, LL.D., de Milngavie (por volta de 1867–1949), um empresário de Glasgow.

Prefácio

Um volume perdido de manuscritos do século XVII, anteriormente de posse de Robert Wodrow, chegando às minhas mãos, fiquei encantado ao encontrar entre os tratados aquele *Directory of Life* [Diretório de Vida] do qual Rutherford fez uma breve transcrição para John Fleming, o Bailie⁵ de Leith, em março de 1637. A comparação com a carta para Fleming (Nº CLIX,⁶ edição de 1891) não deixa dúvidas de que o manuscrito é aquele “*Diretório*” que Rutherford “*teria feito ele mesmo*”, mas que nunca terminou a seu contento. É algo importante, após o decorrer de quase três séculos, encontrar um *Diretório Para a Vida Cristã* como aquela que a própria experiência de Rutherford produziu.⁷

John Fleming, Bailie de Leith, era um homem honesto; honesto não apenas com seus vizinhos, mas também com seu próprio coração, e Fleming começara a temer que nem tudo estivesse tão bem com seu coração como deveria estar. Quando chegava à noite para avaliar as ações do dia passado, e revisar seus pensamentos e palavras, e, geralmente, toda sua conduta e conversa durante aquele dia, seu coração lançava muitos desafios a ele. É verdade, ele tinha feito tudo com boa consciência; não tinha defraudado ninguém, nem prejudicado ninguém; ele começara o dia com a Palavra de Deus e com oração e assim também o tinha encerrado; ele se lembrara de Deus ao longo do dia como, pelo menos, o observando. No entanto, agora, enquanto deitava em sua cama com olhos sem sono, ele tinha que confessar que seu coração não estava em tudo. Parecia agora para ele como se outra consciência estivesse em operação, a consciência que, como com uma espada flamejante, guardava o coração e seu amor. Não eram todas suas ações apenas morais no melhor dos casos? Ele tinha andado retamente, agido justamente em todo o seu comércio, orado a Deus e lhe dado graças;

⁵ Às vezes aparece como Fleeming, ele parece ter sido um bailie [magistrado] de Leith. John Livingstone era seu cunhado e registra que ele era um comerciante (W.K. Tweedie, ed., *Scottish Puritans* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 2008), Vol. 1, pp. 150 and 346).

⁶ Número romano 159. N.T.

⁷ “É um ato reflexivo conhecer nossos próprios atos de fé ... os atos reflexivos são mais raros e difíceis porque mais espirituais do que os atos diretos” (*A sermon preached before the Right Honorable House of Lords, in the Abbey Church at Westminster, Wednesday the 25 day of June, 1645. Being the day appointed for a solemn and public humiliation* [Um sermão pregado perante a Mui Honrosa Casa dos Lordes, na Igreja da Abadia de Westminster, quarta-feira, 25 de junho de 1645. Sendo o dia designado para uma humilhação solene e pública]) (Londres, 1645), p. 48.

mas para que fim? Que coisa boa tinha ele feito naquele dia, na qual o fazer tinha aquecido seu coração, ou seu olho se tornara terno? Ele tinha dado uma esmola, de fato, mas era apenas a entrega de um *plack*,⁸ e o pensamento que ele apenas fracamente afastara de si mesmo então era sua recompensa. Naquela noite, até mesmo sua austera consciência externa não lhe deu um “bom trabalho” por isso.

Assim, deitado ali, seus pensamentos voltaram para os dias antigos e difíceis quando ele era um homem mais jovem aos seus quinze anos. Ele não conseguia pensar que sua vida espiritual havia crescido muito desde então. Ele se lembrou de antigas reuniões à noite em Edimburgo: jantares na casa de Barbara Mein, ou na de Bartholomew Fleming,⁹ seu irmão,¹⁰ ou na farmácia de Hamilton,¹¹ jantares que eram como comunhões, pois, em algumas ocasiões, um “honrado ministro” estaria presente, e com o partir do pão poderia haver uma abertura da Palavra. Ele se lembrou de como suas reuniões eram observadas pelas autoridades, e alguns dos que se reuniam eram levados perante o Conselho e multados e presos; como ele mesmo foi convocado para comparecer, e como se recusara a preparar qualquer defesa, confiando que quando estivesse diante de seus juízes a palavra certa lhe seria dada. E foi; pois quando o Chanceler colocou a questão de sua presença em conventículos, ele havia perguntado simplesmente: “O que é um conventículo?” e, ao ser informado que era uma reunião privada para oração e exercício religioso realizada durante as horas do culto público, ele respirou aliviado; se fosse assim, então ele nunca estivera em um conventículo. No entanto, para que isso não fosse uma mera evasão que a consciência viraria

⁸ Uma moeda pequena, originalmente avaliada em quatro *penny* na moeda escocesa (equivalente a um terço de um *penny* inglês), cunhada de cerca de 1470 a 1603. A palavra então passou a significar uma quantidade trivial.

⁹ O pai de John Fleming, Bartholomew (1591–1624), era um comerciante em Edimburgo conhecido por oferecer hospitalidade a ministros e praticantes cristãos. John Livingstone era casado com a filha mais velha de Bartholomew Fleming.

¹⁰ James Fleming (1590–1653), ministro de Abbey St Bathans (agora chamada de Yester) em East Lothian. Ele foi pai de Robert Fleming por sua segunda esposa (Jean Livingstone) e não pela primeira, que era a filha mais velha de John Knox.

¹¹ John Hamilton, Farmacêutico, provavelmente era sogro de Rutherford. Para mais informações sobre essas reuniões e sua importância na própria vida de Rutherford, consulte Matthew Vogan, “Conventicles from the First to the Second Reformation in Scotland”, *Scottish Reformation Society Historical Journal*, Vol. 6 (2016), pp. 53–85, and Matthew Vogan, “Samuel Rutherford’s Experience and Doctrine of Conversion”, *Scottish Reformation Society Historical Journal*, Vol. 5 (2015), pp. 35–62.

contra ele mais tarde, ele foi rápido em dizer: "Confesso que estive, em diversas ocasiões, jantando com amigos e vizinhos; e quando podíamos contar com a presença de algum ministro honesto, costumávamos ter a oração antes ou depois do jantar, um capítulo lido, e às vezes algumas lições sobre ele nos eram dadas."¹² "Homem honesto", respondeu o Chanceler, não sem sentimento. "Eu gostaria que toda a cidade fosse como você".

À medida que tudo o que surgia diante de Fleming nesta noite de julgamento, não vinha com ele o prazer que costumava sentir ao contar a história repetidas vezes, mas sim, um sentimento de tristeza por esses dias não serem mais como então. E agora sua mente contemplava essas reuniões e os rostos lembrados. Havia o jovem Samuel Rutherford, um rapaz gracioso, que fora feito "Regente de Humanidades" na Faculdade, e logo caíra sob a má vontade do Diretor. Ele renunciara diante uma acusação monstruosa contra¹³ ele e havia seguido o curso de Teologia, tornando-se um grande servo de Cristo em Seu evangelho. Ele estava agora confinado em Aberdeen, silenciado pelos prelados de pregar. Mas quantos até mesmo dos próprios amigos de Fleming estavam bendizendo a Deus por aquele silenciamento, pois daquela prisão fluíam cartas de conselho, ajuda, orientação espiritual e experiência tão valiosas como nunca haviam sido desde os dias do próprio apóstolo Paulo.

Durante toda aquela noite e até tarde da manhã, Fleming ficou acordado, compondo em sua mente ativa uma carta que ele deveria escrever para Rutherford em Aberdeen, não apenas de simpatia como havia escrito alguns meses antes, mas para expor diante dele toda essa angústia do coração e, pelo bem de sua antiga amizade, obter dele algumas ajudas, algum "diretório" de vida em que pudesse habitar no céu mesmo estando aqui. E os negócios de John Fleming pararam no dia seguinte até que ele tivesse escrito a carta que havia elaborado.

Samuel Rutherford havia passado por águas profundas desde seus dias jovens em Edimburgo, mas não havia afundado nelas. Ele tinha vencido e

¹² David Calderwood, *The History of the Kirk of Scotland* (Edinburgh: Wodrow Society) Vol. VII, pp. 620–621

¹³ Alguma irregularidade foi encontrada em relação ao casamento de Rutherford, e o Diretor Adamson levantou uma acusação de fornicação contra ele por volta do tempo de sua renúncia como regente. A acusação não parece ter sido levada à diante e sustentada. Veja See James King Hewison, *The Covenanters: A History of the Church in Scotland from the Reformation to the Revolution* (Glasgow: J. Smith & Son, 1908; repr. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 2019), Vol. 1, pp. 503–4.

cumprido a promessa de seus primeiros anos, mas não olhava para trás nos dias passados como melhores do que estes. Em comparação com estes dias, em que estava com a língua amarrada (embora não com a caneta amarrada), tudo o que aconteceu antes parecia para ele apenas o registro de uma vida mal aproveitada. Pois ele, também, sentado junto à sua fogueira emprestada nesta noite de março de 1637, estava sob julgamento, mas o homem acusado era Rutherford de Anwoth, e a consciência o condenava, que, quando a oportunidade era sua, ele deixava escapar o momento de ouro. Para ele, também, em sua solitária “prisão” em Aberdeen, seu coração lançava desafios. A coisa mais difícil de todas para um homem (como Rutherford sabia) era conhecer o próprio coração. Ele sabia que “fisicamente, assim moralmente, o coração é o homem: o bom coração, o bom homem; o coração mau, o homem mau. ... Deus age como o sol do meio-dia em cada coração - o homem ele mesmo está do lado de fora, e Deus dentro”.¹⁴ Assim, havia uma noite (e muitas noites) em Aberdeen, quando Rutherford ficava com a cabeça baixa do lado de fora, enquanto Deus dentro examinava seu coração, e a consciência, o sargento de Deus, lia sua acusação. E a maravilha era que de tudo o que ouvia, não havia nada de novo.

Não fossem os caminhos sombreados de Anwoth e suas árvores imemoriais — que pregavam a pequenez da vida de um homem e ainda anunciavam sua eternidade; e as vastas charnecas sob os céus que falavam de desolação, e com a mesma voz da vastidão e proximidade de Deus; de modo que para onde quer que olhasse, poderia ele elevar-se acima das vaidades deste mundo para os pensamentos da eternidade — não teriam todos esses testemunhado antes de tal julgamento como o que estava passando agora! E ele descobrira que não havia nada na natureza ou no homem que não tivesse uma voz para falar de Deus, e como, por meio de todas as coisas, “bons pensamentos poderiam ser alcançados”.

¹⁴ Samuel Rutherford, *The Covenant of Life Opened: Or, a Treatise of the Covenant of Grace* (Edinburgh, 1655), p. 146. “O inferno e a perdição estão perante o Senhor; quanto mais os corações dos filhos dos homens?” (Provérbios 15:11). *O inferno e o coração estão ambos nus diante d’Ele (Provérbios 17:3). Teodoro: ‘Deus age como o Sol do meio-dia em cada coração: o homem está fora, e Deus dentro (Jeremias 17:9). O homem não examina seu próprio coração e rins, pois há tramas e inclinações para o mal no coração, que o coração não conhece (2 Reis 8:12–13). Pedro tinha um coração melhor do que todos os homens nos livros de seu próprio coração (Mateus 26:33). Mas na realidade não é assim’.

Ele lembrou-se, nesta noite, de como voltava para sua casa paroquial após tais passeios e comunhões, e escrevia algumas das lições que aprendera; os “desafios” que seu coração encontrara, as “regras” pelas quais viveria doravante, para que cada dia fosse como este dia, e melhor do que ele; e, uma vez que Deus não deixa nenhum homem em dívida, nem o deixa sem consolo, ele acrescentava uma nota dos “benefícios” que havia recebido. Ele também se lembrou de como — à medida que sua vida progredia sob seu “diretório” — exemplos e experiências cresciam e seus papéis nos quais escrevia tudo se multiplicavam, e a ideia lhe ocorreu de que tal guia poderia ser útil para outros, uma vez que os corações de todos os homens são moldados da mesma forma; e ele fez uma cópia clara de seus “desafios”, “regras” e “benefícios”, reunindo-os em um “método” de vida cristã.

Mas dias cinzentos voltariam, e dias escuros, e dias em que ele esquecia... e seus papéis eram deixados de lado, e ele se voltava para outros planos. Então veio a acusação da Alta Comissão, e o dia de sua sentença e seu silenciamento; e ele se lembrou.¹⁵ “Oh, minha culpa”, escreveu ele naquela noite para a Lady Culross, “as loucuras da minha juventude, as negligências no meu chamado... Se eu estivesse livre de desafios, e de uma Alta Comissão dentro da minha alma!”.

E houve uma noite em Anwoth em que ele reuniu os papéis que levaria consigo para o lugar do seu exílio, e suas mãos encontraram o “diretório” deixado de lado. Sobre ele, ele escreveu: “Um reflexo sobre a vida malgastada de um homem, apoiado por desafios”. Ele estava ao alcance da mão naquele pequeno quarto em Aberdeen quando a carta de John Fleming chegou em busca de ajuda.

“Desejaria”, ele escreveu em resposta a Fleming, “poder satisfazer seu desejo em elaborar e formular para você um diretório cristão. Mas os eruditos já o fizeram antes de mim. ... No entanto, mostrarei a você o que eu mesmo teria sido, embora eu sempre esteja aquém de meu propósito”. Assim, ele nomeou certas de suas “regras” para Fleming, e contou-lhe dos “desafios” que ele mesmo havia enfrentado, e ainda enfrentava; e contou-

¹⁵ A Corte da Alta Comissão na Escócia foi estabelecida por James VI em 1610 para examinar e punir ofensas na vida e religião. Ela não foi estabelecida por lei ou parlamento e não havia possibilidade de apelação de sua sentença. Os juízes eram bispos e certos nobres, e permitia ao rei e aos bispos contornarem tanto os tribunais eclesásticos quanto os civis. Podia impor qualquer sentença que desejasse, e às vezes era referida como a Inquisição Escocesa.

lhe dos “benefícios” que havia encontrado nesse modo de vida. Mas ele guardou para si aquele título que havia colocado em seu papel: isso era entre ele e seu Mestre.

Rev. John Sturrock¹⁶

¹⁶ O Reverendo John Sturrock (c.1842–1925) foi um ministro da “Igreja original da Secessão” em Stranraer e Edimburgo [Original Secession Church]. Ele também foi editor da “Revista Original da Secessão” a partir de 1874 e, em 1899, foi nomeado como professor de Teologia Pastoral na Escola de Teologia por três anos. Ele foi nomeado editor de *The Bulwark* em maio de 1887 e foi Secretário da Sociedade Escocesa da Reforma desde 1889 até 1921.

1

Convicções de pecado pela consciência

RUTHERFORD começa revisando seu passado uso do tempo e os pecados que eram claros para ele. Ele faz isso a fim de refletir mais profundamente sobre como viver única e exclusivamente para a glória de Deus.

1

Não fazer tudo para a glória de Deus

Por não referir tudo a Deus como o último fim. Não comemos, bebemos, dormimos, viajamos, falamos e pensamos para Deus, mas ainda estamos enviesados com nossos próprios interesses egoístas, colocando-os frequentemente no lugar de Deus.

2

Não glorificar a Deus em companhia

Que não tiramos proveito de boa companhia e que nos conformamos demais com pessoas profanas; não reprovamos a blasfêmia do nome de Deus, mas, ao contrário, somos testemunhas silenciosas de seu comportamento irresponsável.

3

Falta de preocupação pela Igreja

Que as aflições de Sião, agora em suas dores de parto, não nos afetaram, mas sim os dias de humilhação em seu nome foram negligenciados e tornaram-se mais uma fonte de agravamento do que de alívio para seu fardo. Não estudamos reformas específicas e esquecemos experiências passadas, misericórdias e livramentos.

4

Santificar o dia do Senhor por inteiro

Que o dia do Senhor, da manhã até a noite, seja sempre dedicado ao culto privado ou público, inclusive considerando os menores pensamentos, pois ele é separado dos outros dias da semana exclusivamente para o culto ao Senhor, sendo ilegítimo nos ocupar nossos próprios pensamentos.

5

Não se arrepender dos pecados

Que os pecados não arrependidos da juventude não são examinados, quando, se estivessem recentes em nossos corações, seria um meio de nos tornar mais humildes.

6

Não lutar contra pensamentos pecaminosos

Que agitações repentinas de orgulho, luxúria, vingança, e amor à riqueza e honras não foram resistidas e lamentadas, e que tais pensamentos encontraram o melhor lugar e acolhimento em nossos corações corruptos, não deixando espaço para algo melhor.

7

Falta de amor pelo povo de Deus

Que a caridade para com os santos de Deus tem sido rígida, fria, e com poucas esperanças de crescimento até agora.

8

Esquecimento das misericórdias passadas

Que a experiência das misericórdias de Deus, concedidas após a oração, foi esquecida. Que em novos problemas, frequentemente perdemos nossa fé, como se tivéssemos que recomeçar do zero, como se tivéssemos um deus ídolo para lidarmos.¹⁷

¹⁷ Ver Carta CLIX (159), incluída como Capítulo 4 do presente livro.

9

Não responder corretamente à providência

Que, em grandes dificuldades, alimentamos falsos relatos do amor de Cristo e desacreditamos sua mão corretiva quando o resultado foi misericórdia; e não nos ocupamos tanto em defender a glória de Deus das calúnias dos inimigos da verdade, tanto em público quanto em particular.

10

Falta de luta na oração

Nada deveria pesar tanto em nossas almas quanto o fato de nunca termos lutado em oração com Deus como convém a seus santos, mas contentamo-nos facilmente com a forma vazia, sem o poder de seu Espírito, ainda vivendo para o mundo e mortos para Cristo, acalentando relíquias de Adão e apagando a luz do Espírito Deus, sucumbindo facilmente a uma tentação e pisoteando os meios de graça, apagando a luz do Espírito e cedendo facilmente às tentações, e pisoteando os meios de graça.

11

Nenhum impacto duradouro do trabalhar de Deus

Que as intervenções do Senhor em teu corpo ou mente não produziram efeitos duradouros e só arrancaram votos de nova obediência que se dissiparam como palha ao vento. E assim que saíste da fornalha da aflição de Deus, tornaste-te como um arco enganador, voltando ao vômito como um cão.

12

Contentamento com o mínimo nas práticas espirituais

Que a prática do meu dever foi tão estreita e limitada, não correspondendo à amplitude e extensão da minha luz, e o que fiz debilmente foi apenas para calar a boca de uma consciência natural, contentando-me apenas com tentativas em vez de realizações reais.

13

Pouca reflexão sobre a mortalidade

Que não nos ocupamos tanto com o pensamento da morte, e que antes que esta cabana de barro seja dissolvida e os pinos deste tabernáculo se soltem, possamos ter certeza de um lugar de habitação para onde ir antes de nossa mudança, e antes de partirmos daqui e não sermos mais.

14

Pouca reflexão sobre realidades eternas

Que o corpo e o fardo do pecado não nos cansaram, o temor do inferno não nos amedrontou, as alegrias do céu não nos seduziram a estar com Cristo, que é o melhor de tudo; e os pensamentos profundos e insondáveis da eternidade para nos preparar para entrar por aquele portão estreito.

15

Falha em aproveitar ao máximo a graça

Que não fizemos uso da graça, da habilidade e da oportunidade para trazer outros para Cristo, nem nós mesmos andamos na luz que o Senhor nos iluminou, nem a graça do Senhor gerou gratidão em nós.

16

Falha em controlar os pensamentos

Que não fomos prontos para sufocar os pensamentos em sua infância, mas os acalentamos até que se manifestassem em vícios escandalosos, enquanto em todos os exercícios bons pensamentos podem ser alcançados.

17

Falha em nutrir a graça

Que não promovemos o crescimento da graça, diariamente examinando onde falhamos e onde progredimos, mas apenas nos contentamos em viver entre os meios sem lucrar. Até mesmo os meios do sabbath [dia do Senhor], ordenanças, sacramentos, jejuns, humilhações, permanecer firmes nos

pontos de nosso pacto, foram utilizados de maneira negligente; e descansamos nos deveres externos de formalidade, como a oração da manhã e da noite, sem nenhum trabalho sincero do coração, permitindo que pensamentos dispersos ocupem espaço em exercícios desse tipo.

2

Um guia para a vida cristã

A segunda parte do manuscrito fornece regras muito práticas sobre como ordenar a vida diária para a glória de Deus.¹⁸ Isso reflete a teologia prática de autores puritanos como Lewis Bayly, Robert Bolton, Richard Greenham e outros.¹⁹

1

Reserve tempo para a Palavra e a oração

Que horas do dia (às vezes mais ou às vezes menos) sejam dedicadas à leitura da Palavra de Deus e à oração, preferindo isso às maiores tarefas e ocupações da vida do homem, mesmo que isso exija o menor tempo possível, e permita que os primeiros pensamentos da manhã cheirem a tais deveres religiosos, excluindo tudo o mais até que tenham tomado posse.

2

Pensamentos espirituais ocasionais durante o trabalho

No meio de ocupações mundanas, alguns pensamentos sobre pecado, julgamento, morte, eternidade e o amor livre de Deus deveriam estar presentes, com uma palavra ou duas de oração a Deus, ou, pelo menos, por meio de uma súplica (oração breve e sincera).

¹⁸ Originalmente intitulado *Some Helps for a More Exact and Close Walking with God, Framed by a Directory of Life*.

¹⁹ Lewis Bayly (falecido em 1631) foi um ardente puritano que se tornou Bispo de Bangor, no País de Gales. Bayly escreveu *A Prática da Piedade*, que foi instrumental na conversão de John Bunyan. O livro foi traduzido para várias línguas. Robert Bolton (1572–1631) foi o reitor puritano de Broughton, Northamptonshire. Ele era um estudioso habilidoso; muitos de seus livros foram reimpressos. Uma nota biográfica sobre Richard Greenham está incluída no Capítulo 4.

3

Evitar desânimo na oração

Não reclamar, mesmo que saia da oração sem sentir, estar desanimado ou com sensação de culpa; pelo contrário, deixe que tais experiências agucem seu apetite por mais comunhão com Deus, sem descansar no que já foi feito.

4

Manter todo o Dia do Senhor sagrado

Que o dia do Senhor, da manhã até a noite, seja sempre dedicado ao culto privado ou público, inclusive considerando os menores pensamentos, pois ele é separado dos outros dias da semana exclusivamente para o culto ao Senhor, sendo ilegítimo nos ocupar nossos próprios pensamentos.

5

Evitar pensamentos ociosos

Observe e evite pensamentos vagantes e ociosos, pois são os precursores de palavras desagradáveis e os precursores de ações profanas.

6

Evitar pensamentos dispersos na oração

Cuidado com o divagação do coração na oração privada e pública a Deus. Na privacidade, faça com que seus corações acompanhem suas palavras, e em público, una-se sinceramente, como se sentisse a necessidade presente pressionando você a isso; e participe nos louvores com um coração sensível, proveniente de um princípio de amor, para exaltar a glória d'Ele.

7

Evitar todo pecado conhecido

Que todos os pecados descobertos e revelados que vão contra a consciência sejam evitados como os preparativos mais perigosos para a

insensibilidade do coração; e continue a ser guiado pela consciência ao invés de você tentar guiá-la.

8

Integridade nas relações com os outros

Que, ao lidar com os homens, nossa fé e verdade em contratos, em negociações, sinceridade, consciência de palavras vãs e mentira sejam consideradas; e nossa conduta tal que falem honrosamente de nosso doce Mestre; não de forma alguma prejudicando nossa profissão, mas levando uma vida correspondente à demonstração externa, e que não em aparência, mas na realidade possamos ser verdadeiros cristãos.

9

Beneficiar-se da companhia espiritual

Frequentar a companhia daqueles com os quais a alma pode se beneficiar mais, e rejeitar todas as conversas que não contribuam para propósitos espirituais, esforçando-se para edificar uns aos outros na confiança mútua, cultivando pensamentos celestiais, solidarizando-se com os sofrimentos de nossa mãe, a Igreja, e em todas as nossas orações, lembrar da sua situação e da situação uns dos outros.

10

Evitar a companhia ímpia

Evitar a companhia dos profanos e daqueles que estão fora, a menos que seja para trazê-los ao conhecimento de Cristo, convencendo seus julgamentos, e de forma alguma abster-se de repreender seus vícios errôneos, escolhendo antes sofrer a ira deles do que permitir que a glória de Deus sofra mesmo na menor medida. É melhor que sofra defendendo a causa de Deus do que ser culpado ao participar do pecado que desonra, pois o que sofres nisso, sofres como membro de Cristo.

11

Meditar frequentemente na Palavra

Não se contentar com a leitura matinal e noturna da Palavra de Deus e com os sacrifícios da oração, mas digerir pela meditação o que é lido ou ouvido pelos filhos de Deus, repetindo-o em louvores muitas vezes ao dia, conforme a ocasião se apresentar, não poupando os assuntos mais importantes.

12

Manter registros diários

Todas as noites, examinar teus pensamentos, palavras e ações de forma rigorosa. Verificar onde omitiste, retrocedeste, paraste, ou ficaste aquém, e fazer, com pesar, promessa e propósito de corrigir o que não estiver correto, para que, sendo essa a tua prática única, ela possa ocupar teus sonhos noturnos e despertar com o desejo de orar e louvar.

13

Submeter-se a Deus na aflição

Em aflições ou provações, seja no corpo, na mente ou com amigos, frequentemente debes buscar a submissão, reconhecendo que nada acontece por acaso, mas pela Providência que governa tudo. Busque encontrar doçura nas porções mais amargas, servindo para te direcionar mais para o céu; não para arrastar, mas suportar a cruz de Cristo com alegria.

14

Evitar o ódio, mesmo em relação aos inimigos

Evitar a paixão, inveja, ódio, desejo de vingança, mesmo daqueles que perseguem a verdade (pois muitas vezes misturamos nosso zelo com nossas paixões desenfreadas); ter pensamentos caridosos para com aqueles que estão fora, não sendo escravo, mas controlando tua paixão, deixando-a se manifestar mais contra tua própria corrupção.

15

Exame diário do crescimento na graça

Examinar diariamente o teu crescimento na graça. Se não o perceberes crescendo diariamente de forma sensível, ao menos por isso deves descobrir o crescimento insensível, caso contrário, duvida de ti mesmo. Pois, assim como a água parada se corrompe, a graça que não cresce deve se deteriorar, e assim não alcançarás teu alvo.

16

Suprimir pensamentos ociosos

Quando pensamentos ociosos invadirem teu coração, suprime-os rapidamente, pois são como o ladrão que abrirá a porta para os demais, para invadir até se tornar o homem valente, e então partir para a ação, que não pode ser facilmente resistida. Portanto, é melhor sufocá-los no nascimento antes que cheguem à infância, e muito mais antes que alcancem plena força, que dificilmente podem ser arrancados.

17

Seja consistente em resoluções

Não se contente com lampejos de boas resoluções antes ou depois do Sacramento, ou no calor de ordenanças públicas ou privadas, que são rapidamente sufocadas, como a semente entre o milho, ao gastar sua vida em seu nascimento. Não se desanime com as nuvens da ausência de Deus, mas julgue a si mesmo como a causa disso, deitando-se pacientemente, não ociosamente, sob a nuvem, até que Ele irrompa com os raios de Sua face para iluminar tua condição deserta, mas não rejeitada.

18

Examine diariamente cada pensamento

Se possível, escreva cada pensamento do dia, tanto bom quanto ruim, e para que faças mais consciente deles, convoca-os diante de ti à noite para serem censurados de acordo com seus méritos, persuadindo-te a ser tão rigorosamente examinado diante do tribunal de Deus no dia do Senhor.

19

Nega a ti mesmo para ser mais de Cristo

Não permita que o ídolo do eu tenha tanto poder dominante em ti, mas o expulse do coração para que Cristo possa tomar posse, pois o pertencer menos a você mesmo é pertencer mais a Ele, o que te obriga a conhecer mais a mortificação e o novo homem.²⁰

20

Resista às dúvidas e à incredulidade

Lute contra a dúvida e, se faltar o sentir da fé, queixa-te amargamente pela falta dela e procura onde está o pecado que a impede. E use todos os meios pelos quais podes obter a aprovação do Senhor e não menos importante para mantê-la.

²⁰ Veja a Carta CCLXXXIV (289) para expressões semelhantes.

3

Ajuda prática para o progresso diário na graça

FINALMENTE, Rutherford apresenta algumas orientações gerais sobre como viver na presença de Deus.²¹

1

Pensamentos espirituais durante as viagens

No tempo de jornadas, passeios a cavalo ou a pé, ocupar a mente com pensamentos elevados e excelentes sobre a livre graça de Cristo, com pensamentos humildes sobre si mesmo; pensamentos sobre a morte, a eternidade, as alegrias do céu; quão inexprimíveis são as dores do inferno e quão intoleráveis; e depois se entregando a algumas orações espontâneas e breves.

2

Oração e jejum

Por abstinência, jejum, humilhação, oração frequente, dedicando dias para esse tipo de culto.

3

Companhia com o povo de Deus

Ao frequentar a sociedade dos santos, procure a edificação mútua, a exortação, investigação dos impedimentos da graça e escrúpulos dentro de ti mesmo, buscando resolvê-los com ajuda de outros; ao levantar a condição uns dos outros e ao enviar orações a Deus por eles, podes obter algo para ti mesmo.

²¹ Originalmente intitulado *A Christian Course for Ways of Benefiting* [Um Curso Cristão sobre maneiras de se beneficiar].

4

Deus ouve as orações

Esteja certamente persuadido de que Deus ouve as orações, sim, mesmo as de menor importância, e não desanime com uma recusa se for legitimamente feita. E assegura-te de que, se Ele não conceder o que pedes, Ele te concederá algo tão bom, ou até melhor para ti do que o que pediste.

5

Suportar a oposição

Não te desanimes em marchar sob a bandeira de Cristo, embora possas encontrar caminhos difíceis, não hesitando em enfrentar o vento por Sua causa, embora possas encontrar calúnias, reprovações, alcunhas; consolando-te que o teu Reino não é deste mundo. Mas certifica-te sempre de não pegar uma capa de profissão de fé maior do que és capaz de sustentar.

6

Resistir às dúvidas e à incredulidade

Fique atento aos pensamentos ateístas, não questionando se há um Deus ou um céu, o que perturba até mesmo os melhores. E coloca diante dos teus olhos a onipotência, onisciência, de um Deus eterno, que não apenas conhece as tuas palavras e ações, mas até os teus pensamentos mais íntimos, para que seja um freio acima da tua cabeça.²²

7

Crescimento diário na graça

Estudando diariamente um crescimento da graça, e buscando meios para promovê-la; lamentando as falhas e quedas do teu primeiro amor;

²² “O Cristo, por meio de sua aliança, nos impõe o temor da graça”. Samuel Rutherford, *The Influences of the Life of Grace* (London, 1659), p. 2; “O temor do céu tem uma impressão mais forte do que o terror e o temor do inferno”, Samuel Rutherford, *The Covenant of Life Opened*, p. 218.

mantendo sempre em mente o estado da nossa Mãe, a Igreja, simpatizando com os seus membros, sentindo empatia.

8

Avançar a glória de Deus acima de tudo

Estudando todos os meios para avançar a glória de Deus, deixando-a sempre com a preeminência acima dos teus interesses particulares. Tornando a tua vocação e eleição certas aqui, carregando uma disposição preparatória para o dia da visitação do Senhor, e não confiando apenas nos meios.

9

Regozizar-se em Deus

Quando estiveres alegre, dedica-te a hinos e cânticos;²³ e em uma condição triste, derrama o teu coração a Ele como o único consolador de corações, e não à maneira de Saul, buscando meios ilícitos.

10

Reflexão espiritual sobre a providência

Aplice espiritualmente todas as misericórdias, livramentos, visitas ao corpo, à mente ou a amigos, e o retirar das porções mais amargas para beber goles mais doces. E não permita que nada escape sem uso espiritual, mesmo nas coisas que são mais naturais e temporais.

11

Informar corretamente a consciência

Não ceder a uma consciência errônea, não fechar os olhos para uma luz maior, mas procurá-la; e não afastar as convicções, mas dar ouvidos à consciência, não permitindo que ela seja enganada, mas deixando-a ter toda a sua força para abrir caminho para a convicção. E não parar apenas aqui,

²³ A referência de Rutherford aqui é a Tiago 5:13, um texto que exorta a cantar Salmos quando se está alegre. Presumivelmente, Rutherford pensando nos Salmos.

mas usando os meios de conhecimento até atingires o poder e a prática da religião para cresceres nela. E, convertido, fortalece os teus irmãos.

12

Imitar as pessoas mais santas

Coloque diante de ti os professantes da fé que são mais rigorosos, os que andam mais perto de Deus, como meio de imitação; esforçando-te para reformar os vícios daqueles que estão fora. Admirando e bendizendo a livre graça do Senhor ao conceder uma medida maior a ti, que pela natureza pecaminosa era um rebento da mesma estirpe; e o que obtiveste, oferece-o para a glória d'Aquele que te deu algo além do que merecias.

Direções para a conduta cristã

Dignos e amados no Senhor, graça, misericórdia e paz estejam convosco.

Recebi a vossa carta. Gostaria de poder satisfazer o vosso desejo em elaborar e preparar para vós um manual cristão. No entanto, os eruditos já o fizeram antes de mim, de maneira mais judiciosa do que eu posso; especialmente o Srs. Rogers, Greenham e Perkins.²⁴

Contudo, vou mostrar-vos o que eu próprio teria feito; ainda que tenha sempre ficado aquém do meu propósito.

1. Dedique algumas horas do dia, talvez mais, talvez menos, para ler a Palavra de Deus e para orar; não poupando a décima segunda hora, ou o meio-dia, mesmo que então seja um tempo mais curto.

2. No meio das ocupações deste mundo, reserve alguns momentos para pensar sobre o pecado, morte, julgamento e eternidade, com pelo menos uma palavra ou duas de breves orações.

3. Cuidado com o divagar do coração nas orações privadas.

4. Não desanimar, mesmo que saia da oração sem sentir alegria. Abatimento, sentimento de culpa e anseio são frequentemente melhores para nós.

²⁴ Este capítulo (e o restante desta nota de rodapé) é a Carta CLIX [159] na edição de Andrew Bonar das Cartas de Rutherford. O Dr. Daniel Rogers, um teólogo puritano, autor de um tratado chamado *David's Cost* [O Custo de Davi]; ou, *What it will cost to serve God aright* [O que custará servir a Deus corretamente], e *Naamã, o Sírio* e outros. Ele nasceu em 1573, foi educado em Cambridge, sofreu com a perseguição de Laud e morreu em 1652, aos oitenta anos. Ele era um homem de grande talento, profunda humildade e devoção, mas de um temperamento tão ousado que um amigo disse dele: “Ele tinha graça suficiente para dois homens, mas não o suficiente para si mesmo”. Richard Greenham, um puritano, que nasceu em 1531 e morreu de peste em 1591. Ele foi autor de vários sermões e tratados práticos. (Ver *Lives of the Puritans* de Brooke, Vol. II.) Dr. William Perkins, um teólogo inglês, que viveu no final do século XVI e foi autor de vários tratados práticos e doutrinários; entre outros, aquele aqui referido: *A Case of Conscience* [Um Caso de Consciência], e *Thirteen Principles of Religion* [Treze Princípios da Religião], publicados após a sua morte. Ele era um calvinista rigoroso e participou na controvérsia contra o arminianismo. Ele costumava aplicar os terrores da lei à consciência, que muitas vezes seus ouvintes caíam diante dele. Também se dizia que ele pronunciava a palavra “condenação” com tal ênfase e pavor que deixava um eco doloroso no ouvido por muito tempo depois. Ele escrevia em todos os seus livros: “Tu és um ministro da Palavra: lembra-te do teu negócio”.

5. Que o Dia do Senhor, da manhã à noite, seja sempre gasto em culto privado ou público.

6. Observar as palavras, evitar pensamentos vagos e ociosos, resistir à raiva repentina e ao desejo de vingança, mesmo daqueles que perseguem a verdade, pois frequentemente misturamos nosso zelo com nossa própria paixão descontrolada.

7. Observe e evite pecados conhecidos, descobertos e revelados, que vão contra a consciência, pois são os preparativos mais perigosos para a insensibilidade do coração.

8. Ao lidar com as pessoas, que a fé e a verdade em acordos e transações devam ser consideradas; devemos lidar com todos sinceramente; devemos estar concientes de palavras ociosas e mentirosas; e nosso comportamento deve ser tal que aqueles que o veem possam falar honrosamente do nosso doce Mestre e da nossa profissão de fé.

Tenho sido muito desafiado:

1. Por não referir tudo a Deus como o fim último; por não comer, beber, dormir, viajar, falar e pensar nessas coisas para Deus.

2. Por não ter me beneficiado de boa companhia; por não ter deixado alguma palavra de convicção de pecado, mesmo sobre pessoas naturais e ímpias, como repreender o almadichoar deles; ou por ser uma testemunha silenciosa de seu comportamento impróprio; e por não ter a intenção de fazer o bem em todas as companhias.

3. Por não ter sido movido pelos infortúnios e calamidades da igreja e de professantes da fé particulares.

4. Por, ao ler a vida de Davi, Paulo e outros semelhantes, quando isso me humilhava, eu (ficando tão aquém de sua santidade) não ter me esforçado para imitá-los, ao menos de longe, de acordo com a medida da graça de Deus.

5. Por não ter olhado e lamentado pelos pecados não arrependidos da juventude.

6. Por não ter resistido e lamentado os movimentos repentinos de orgulho, luxúria, vingança, amor à honra.

7. Por meu amor estar frio.

8. Pelas experiências que tive acerca de Deus me ouvir neste ou naquele particular, sendo reunidas, ainda assim, em uma nova dificuldade eu sempre (pelo menos uma vez) tinha que buscar a minha fé como se eu estivesse começando do zero.

9. Por não ter contraditado mais ousadamente os inimigos falando contra a verdade, seja em reuniões públicas da igreja, ou em mesas, ou em conferências comuns.

10. Por, em grandes dificuldades, ter entendimento muito bem o amor de Cristo e tê-Lo desacreditado em Sua disciplina; enquanto o evento disse: “Tudo foi em misericórdia”.

11. Nada me comove mais e pesa mais na minha alma o fato de que eu nunca pude, de coração, em minha prosperidade, lutar tanto em oração com Deus, nem estar tão morto para o mundo, tão faminto e doente de amor por Cristo, tão voltado para o céu, como se um peso de dez cruzeiras pesadas estivesse sobre mim.

12. Que a cruz [a aflição] arrancou os votos de nova obediência, que o conforto assoprou para longe como palha ao vento.

13. Que a prática foi tão curta e estreita, e a luz tão longa e ampla.

14. Que a morte não foi frequentemente meditada.

15. Que não tenho me preocupado em levar outros a Cristo.

16. Que minha graça e dons produzem pouca ou nenhuma gratidão.

Há também algumas coisas que me ajudaram:

1. Beneficiei-me ao andar sozinho em uma jornada longa, dedicando esse tempo à oração.

2. Pela abstinência e dedicando dias a Deus.

3. Orando por outros, pois ao fazer um pedido a Deus por eles, tenho recebido algo para mim mesmo.

4. Fui realmente confirmado, em muitos detalhes, de que Deus ouve orações, e por isso costumava orar por qualquer coisa, por mais insignificante que fosse.

5. Ele me capacitou a não duvidar que este caminho ridicularizado e escarnecido, é o único caminho para o céu.

Senhor, esses e muitos outros acontecimentos em sua vida devem ser examinados; e,

1. Pensamentos de ateísmo devem ser vigiados, como “será há um Deus no céu?” que perturbarão e atacam até mesmo os melhores em alguns momentos.

2. O crescimento na graça deve ser cuidado acima de todas as coisas, e a queda do primeiro amor deve ser lamentada.

3. Deve-se lembrar de orar pelos inimigos que estão cegos.

Senhor, agradeço-lhe muito pelo cuidado com meu irmão e comigo também. Espero que esteja isso guardado para você e lembrado no céu. Ainda me envergonho da bondade de Cristo para com um pecador como eu. Ele deixou um fogo em meu coração que o inferno não pode apagar ou extinguir com água. Ajude-me a louvar, e ore por mim, pois tens a bênção e as orações de um prisioneiro.

Lembre-se do meu amor à sua esposa. A graça esteja convosco.

Seu em Cristo Jesus,
Aberdeen, 15 de março de 1637.
S.R.

Livros da Herança Escocesa

Grandes pregadores floresceram na Escócia durante o período da Segunda Reforma. Suas escritas são marcadas por uma profundidade espiritual e bíblica que é muito necessária nos dias atuais. A série Herança Escocesa apresenta esses livros proveitosos a uma nova geração de leitores.

David Dickson e James Durham

O Resumo do Conhecimento Salvífico [*A Suma Do Conhecimento Salvífico*].

James Guthrie

Ruling Elders and Deacons [*Presbíteros Regentes e Diáconos*].

William Guthrie

Hope During Desperate Times [*Esperança em Tempos Desesperadores*].

George Hutcheson

Haggai: A Time to Build [*Ageu: Um Tempo para Construir*].

William Livingstone

Conflicts between Doubt and Assurance [*Conflitos entre Dúvida e Segurança*].

Hugh MacKail

Spiritual Rest During Trials [*Descanso Espiritual Durante as Provações*].

Alexander Nisbet

Preparing for Eternity [*Preparando-se para a Eternidade*].

Samuel Rutherford

Conversations with a Dying Man [*Conversas com um Homem Moribundo*]
Daily Thoughts from Samuel Rutherford [*Pensamentos Diários de Samuel Rutherford*]
Pensamentos Diários Para o Ano (em Português Brasileiro)

“A graça que não cresce, definha”

Samuel Rutherford

Este guia para caminhar diariamente com Deus foi transcrito de um manuscrito e agora é publicado para um benefício mais amplo. Ele contém valiosos conselhos espirituais sobre reservar tempo para a leitura da Palavra e oração, meditar frequentemente na Palavra, ter pensamentos espirituais durante o dia, enquanto se resiste a pensamentos fúteis.

Este volume breve e muito penetrante também é altamente pessoal e mostra as próprias convicções de consciência de Rutherford quanto ao modo como ele desperdiçou seu tempo. Ele nos mostra o caminho para refletir mais profundamente sobre isso e dá algumas regras muito práticas para ordenar a vida diária para a glória de Deus apenas. A orientação geral de Rutherford sobre como buscar a presença de Deus em todas as circunstâncias é ao mesmo tempo concisa e ponderada.

Série Herança Escocesa

Grandes pregadores floresceram na Escócia durante o período da Segunda Reforma: homens como Samuel Rutherford, David Dickson, James Durham e George Gillespie. Seus escritos são marcados por uma profundidade espiritual e bíblica que é muito necessária nos dias de hoje. A série Herança Escocesa apresentará esses livros proveitosos a uma nova geração de leitores.



REFORMATION PRESS

www.reformationpress.co.uk



www.rtf-usa.com

rtfdirector@gmail.com